



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

BEATRIZ SOARES DE ALMEIDA

**O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO PRESENTE NOS MEMES DO *BODE
GAIATO***

**GUARABIRA
2020**

BEATRIZ SOARES DE ALMEIDA

**O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO PRESENTE NOS MEMES DO *BODE*
*GAIATO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Iara Ferreira de Melo Martins

**GUARABIRA
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447f Almeida, Beatriz Soares de.
O fenômeno da monotongação presente no meme do Bode Gaiato [manuscrito] / Beatriz Soares de Almeida. - 2020.
23 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins, Departamento de Letras - CH."
1. Variação Linguística. 2. Monotongação. 3. Memes. 4. Preconceito. I. Título

21. ed. CDD 410

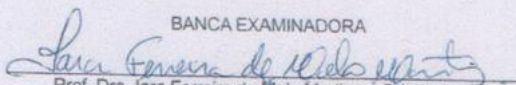
BEATRIZ SOARES DE ALMEIDA

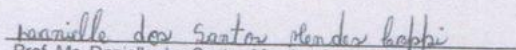
O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO PRESENTE NOS MEMES DO BODE
GAIATO


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 02/12/2020

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Lara Ferreira de Melo Martins – Orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Danielle dos Santos Mendes Coppi – 1ª Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Esp. Karla Valéria Araújo Silva – 2ª Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, por todo esforço, dedicação e cuidado, DEDICO!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	16
Figura 2.....	18
Figura 3.....	19
Figura 4.....	20
Figura 5.....	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	11
2.1	O fenômeno da monotongação: origem e contextualização.....	14
3	OS GÊNEROS TEXTUAIS	15
3.1	O gênero meme: definição e uso.....	16
4	METODOLOGIA	17
5	ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS MEMES	17
5.1	A monotongação nos substantivos	18
5.2	A monotongação nos verbos	19
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO PRESENTE NOS MEMES DO *BODE GAIATO*

Beatriz Soares de Almeida

RESUMO

O objeto de nosso estudo é o fenômeno linguístico denominado de monotongação que é apontado como uma variação predominantemente nordestina. No entanto, vamos situá-lo como um fenômeno recorrente em várias regiões brasileiras, sendo resquício do Latim. A monotongação, segundo Câmara Jr. (1970, *apud* ARAGÃO, 2014, p. 5), é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Isto é, troca do ditongo “ei” na palavra “peixe” pela forma monotongada “pêxe”, ou a troca do ditongo “ou” na palavra “pouco” pela forma “pôco”. Logo, este artigo tem como objetivo geral analisar o fenômeno da monotongação presente nos memes do Bode Gaiato. Metodologicamente, este trabalho é uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo. Neste trabalho, abordaremos exclusivamente quatro memes do Bode Gaiato, por possuírem uma linguagem humorística e essencialmente nordestina, que permite uma maior identificação deles, possíveis leitores desse trabalho. Para fundamentação teórica desta pesquisa, embasamos em Mollica, (2015), Bagno (2007, 2009, 2017), Lemle (1978), Monteagudo (2011), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008, 2003), Martino (2014), Aragão (2014), Santos, Almeida e Rodrigues (2015), Santana, Oliveira e Reis (2015), Hora e Ribeiro (2006), e Freitas (2017). A pesquisa, dessa forma, justifica-se pela inquietação em se observar a língua em uso e refletir o preconceito linguístico na realização do fenômeno da monotongação presente nos memes. Os resultados da análise indicam a importância do estudo da língua para mostrar que o preconceito linguístico, na realização do fenômeno da monotongação, advém do desconhecimento da origem e história da língua portuguesa.

Palavras-chave: Variação Linguística. Monotongação. Memes. Preconceito.

ABSTRACT

The object of our investigation is the linguistic phenomenon denominated Monophthongization which is pointed out as a predominantly northeastern variation. However, we will present that it is a recurring phenomenon in several Brazilian regions, being a remnant of Latin. The Monophthongization, according to Câmara Jr. (1970, *apud* ARAGÃO, 2014, p. 5), is a phonetic changing which consists of passing a diphthong to a simple vowel. That, is the changing the diphthong "ei" in the word "peixe" for the monophthongized form "pêxe", or the changing of the diphthong "ou" in the word "pouco" for the form "pôco". Thereby, this article has the main goal of analyzing the phenomenon of monophthongization presents in the memes of Bode Gaiato. Methodologically, this work is a bibliographic research of qualitative nature and of descriptive / interpretative character. In this work, we will exclusively approach four memes by Bode Gaiato for having a humorous and essentially northeastern speech which makes people identify themselves. For the theoretical basement of this research we deal with Mollica (2015), Bagno (2007, 2009, 2017), Lemle (1978), Monteagudo (2011), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008, 2003), Martino (2014), Aragão (2014), Santos, Almeida e Rodrigues (2015), Santana, Oliveira e Reis (2015), Hora e Ribeiro (2006), e Freitas (2017). The research, in this mode, is justified by the concern into observe the language in use and to **reflect** the linguistic

prejudice at the realization of the monophthongization phenomenon present in memes. The analysis' results indicate the importance of studying the language to demonstrate that the linguistic prejudice, at the realization of the monophthongization phenomenon, comes from the ignorance in the origin and history of the Portuguese language.

Keywords: Linguistic variation. Monophthongization. Memes. Prejudice.

1 INTRODUÇÃO

No curso de Letras de Guarabira fomos apresentados a diversos fenômenos da Língua Portuguesa, através da fonética e da fonologia e motivados a observar por meio dos estudos sociolinguísticos que a nossa língua não é homogênea uma vez que possui variedades que são explicadas de acordo com aspectos sociais, regionais, linguísticos, dentre outros fatores.

Seja no núcleo familiar, na escola, nos restaurantes ou em outros ambientes, observamos que a variação linguística não é respeitada quando nos deparamos com cenas de preconceito linguístico envolvendo a forma de falar dos nordestinos. Por falta de alguns conhecimentos, principalmente relacionados à história da língua, quem mora no nordeste é estigmatizado por falar “errado”, como também quem migra de estados a exemplo do Rio de Janeiro para as demais regiões brasileiras, acaba sofrendo preconceito devido ao seu modo diferente de falar. Diante disso, torna-se fundamental refletirmos sobre o preconceito linguístico existente em nossa sociedade como também a importância de conhecermos as variações linguísticas.

Ao acessarmos as redes sociais, comumente podemos nos deparar com os memes da Nazaré Tedesco (vilã da novela Global “Senhora do Destino”/2004), ou também com os *gifs* da Gretchen. Seja no *Instagram*, *Twitter*, ou até mesmo no *Whatsapp*, os memes são criados pelos usuários da mídia a partir de cenas ou expressões que viralizam nas redes sociais, e são compartilhados em contextos informais, a fim de gerar descontração e humor nos usuários da *web*.

Além disso, por eles tratarem de assuntos que estão em alta nas mídias, os memes atualmente também são bastante explorados por empresas, no desejo de possuírem uma relação mais descontraída com o seu cliente, e assim fazendo com que sua marca esteja também por dentro dos assuntos mais comentados do momento.

Dessa forma, o objeto de nosso estudo é o fenômeno linguístico denominado de monotongação que é apontado como uma variação predominantemente nordestina. Entretanto, através dos estudos fonético-fonológicos, observamos que também se trata de um fenômeno corriqueiro entre os falantes das diversas regiões brasileiras, sendo resquício do Latim, como veremos no decorrer do trabalho. A monotongação, segundo Câmara Jr. (1970, *apud* ARAGÃO, 2014, p. 5), “é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples”. Isto é, troca do ditongo “ei” na palavra “peixe” pela forma monotongada “pêxe”, ou a troca do ditongo “ou” na palavra “pouco” pela forma “pôco”.

Propomos, assim, uma reflexão sobre a variedade linguística e o preconceito atrelado a certas formas de falar e para isso escolhemos o gênero digital meme pelo fato de ele retratar uma linguagem nordestina, humorística, abordando temas do cotidiano das pessoas nordestinas, que fazem com que elas se identifiquem com o que é exposto na vida de *Junin*, *Zéfa* e *Ciço*, personagens desse meme.

A pesquisa, dessa forma, justifica-se pela inquietação em se observar a língua em uso e flagrar o preconceito linguístico na realização do fenômeno da monotongação presente nos memes. A importância desta pesquisa também pode ser estendida para os licenciandos do curso de Letras e professores que compreenderão sobre a heterogeneidade da língua e os fenômenos inerentes a ela.

Logo, o objetivo geral do nosso trabalho é analisar o fenômeno da monotongação presente nos memes do Bode Gaiato. Já os objetivos específicos são: a) Refletir sobre o preconceito linguístico; b) Descrever o fenômeno da monotongação.

Metodologicamente, este trabalho é uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e de caráter descritivo/interpretativo. As análises e descrições estão direcionadas para um total de quatro memes, sendo dois deles com fenômenos da monotongação presentes nos substantivos e os outros dois nos verbos.

Pautamos nossas discussões acerca do tema variação linguística nos estudos dos teóricos Mollica, (2015), Bagno (2007, 2009, 2017), Lemle (1978) e Monteagudo (2011). Em relação ao gênero, embasamos em Marcuschi (2008, 2003), Bakhtin (1997), Martino (2014) e, por fim, em relação ao fenômeno da monotongação, ancoramos em Aragão (2014), Santos, Almeida e Rodrigues (2015).

Este artigo é constituído de seis seções. Na primeira, apresentamos algumas considerações iniciais a respeito do trabalho. Na segunda, abordamos algumas reflexões a respeito do preconceito e da variação linguística. Já na terceira seção, apresentamos aspectos gerais sobre o gênero textual e caracterizamos o gênero meme. Na quarta seção temos a metodologia do trabalho. Na quinta, revelamos a análise e descrição dos memes selecionados. Na sexta, e última seção, encontramos as considerações finais.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

É corriqueiro nos depararmos com cenas nas quais o modo/jeito de falar nordestino é posto como inferior aos demais/outros. O falante do nordeste acaba ouvindo correções logo depois de ter proferido as palavras, ou simplesmente seu discurso não é levado a sério. Porém, o que compreendemos, segundo Bagno (2009), é que

Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça, o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas [...]. (BAGNO, 2009, p. 42. grifo do autor)

Ou seja, de acordo com o sociolinguista supracitado, se um falante da região nordeste fala de uma maneira distinta das demais regiões é porque existem fatores linguísticos e sociais que influenciam em suas escolhas lexicais.

A Sociolinguista é uma corrente que compreende “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2015, p. 9), isto é, os estudiosos dessa corrente entendem a língua como uma realidade social, heterogênea e identitária.

A sociolinguística, também conhecida por “teoria da variação”, foi firmada nos Estados Unidos por William Labov em 1960, mas os estudiosos antecedentes não ignoravam totalmente a relação da língua com o contexto social. Para Bagno (2007), a definição de variação é a espinha dorsal da sociolinguística e tal conceito vem a reafirmar a noção de heterogeneidade linguística.

Entende-se por heterogeneidade aquilo que não possui uma uniformidade, ou seja, quando os sociolinguistas abordam tal conceito relacionado à língua, eles estão querendo dizer que a língua em que falamos não é apenas uma. A partir disso, Bagno (2007) informa que a variação linguística classifica-se em:

variação diatópica – é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.

variação diastrática – é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes **classes sociais**. O adjetivo provém de DIÁ- e do latim STRATUM, “camada, estrato”.

variação diamésica – é a que se verifica na comparação entre a **língua falada com a escrita**. Na análise dessa é variação fundamental o conceito de **gênero textual**. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego MÉSOS, “meio”, no sentido de “meio de comunicação”.

variação diafásica – é a variação estilística [...] isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de **monitoramento** que ele confere ao seu comportamento verbal. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego PHÁSIS, “expressão, modo de falar”.

variação diacrônica – é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da **história** de uma língua. As línguas mudam com o tempo [...] e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. O adjetivo provém de DIÁ- e do grego KHRÓNOS, “tempo”. (BAGNO, 2007, p. 46 e 47, grifo do autor)

Diante dessas especificações, é válido ressaltar que a variação diatópica, também chamada de variação regional, nos mostra que uma língua pode variar de região para região dentro de um mesmo país. Ela nos permite compreender, por exemplo, que os falantes da região nordeste brasileira apresentam expressões, gírias específicas daquele grupo, mas que só quem pertence a ele consegue compreender o seu significado. A partir disso, entende-se como gíria o que “designa inicialmente vocábulos próprios de um setor da sociedade” (BAGNO, 2017 *apud* SILVA, p. 24).

Do mesmo modo, de acordo com Lemle (1978, *apud* Santana, Oliveira e Reis 2015, p. 69), a heterogeneidade linguística dentro de um país como o Brasil, é algo natural e inevitável, pois é resultado da ampla diversificação dos grupos sociais. Embora isso não seja bem aceito por alguns falantes, para Monteagudo (2011, p. 44), “as línguas já não podem ser contempladas como entidades monolíticas [...], das quais as variedades cultas seriam as mais qualificadas representantes, enquanto as variantes e variedades vernáculas constituíram “erros”, “desvios” ou “anomalias”.”

Outrossim, Bagno (op. cit.) diferencia três termos-chaves da sociolinguística: variedade, variante e variável. Para o autor, variedade é um dos “modos de falar” de uma língua, ou seja, determinados indivíduos podem apresentar diversos jeitos de falar uma mesma língua. As variedades linguísticas classificam-se em:

dialeto – é um termo usado há muitos séculos, desde a Grécia Antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc. [...]

socioleto – designa uma variedade linguística própria de um grupo de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe econômica, nível cultural, profissão etc.)

cronoleto – designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.

idioleto – designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc. (BAGNO, 2007, p. 48 e 49, grifo do autor)

Pelo fato de investigarmos o modo de falar do nordestino, o termo dialeto ganha maior ênfase em nosso estudo por ser usado para apresentar uma forma de falar de uma determinada região ou lugar.

No que condiz a variável, Bagno (2007) pontua que

é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada. Cada uma das realizações possíveis de uma variável é chamada de **variante**. (BAGNO, 2007, p. 50, grifo do autor)

Assim, a variante é uma realização possível da variável. Como exemplo, temos a transitividade do verbo assistir. Segundo o autor, o verbo “apresenta duas variantes: (1)

transitividade direta: ASSISTI O FILME, e (2) transitividade indireta: ASSISTI AO FILME.” (BAGNO, 2007, p. 50)

A sociolinguística analisa os fenômenos que uma língua possui pelos seus fatores externos e internos. Os fatores internos correspondem a todas as mudanças que ocorreram na organização da estrutura da língua, à exemplo da

variação fonético-fonológico - pense em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra PORTA no português brasileiro;

variação morfológica: as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para uma mesma ideia;

variação sintática - nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL / UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA / UMA HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes;

variação semântica - a palavra VEXAME pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante;

variação lexical: as palavras MIJO, XIXI e URINA se referem todas à mesma coisa;

variação estilístico-pragmática - os enunciados QUEIRAM SE SENTAR, POR FAVOR e VAMO SENTANO AÍ, GALERA correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes. (Bagno, 2007, p. 39-40, grifo do autor)

Ou seja, através desses fatores internos, podemos compreender que as variações ocorrem em todos os níveis linguísticos, podendo ser nos níveis sintáticos, semânticos, fonético-fonológicos, estilístico e pragmático.

Outrossim, de acordo com Bagno (2007), os fatores externos de variação são de

ORIGEM GEOGRÁFICA: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

STATUS SOCIOECONÔMICO: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

IDADE: os adolescentes não falam do mesmo modo com seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

SEXO: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

MERCADO DE TRABALHO: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

REDES SOCIAIS: cada pessoa adota comportamento semelhante aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico. (BAGNO, 2007, p. 43-44, grifo do autor)

É a partir desses fatores externos que podemos compreender a identidade de um falante. Se um falante do sexo masculino mora na região sul do país e trabalha como advogado, ele terá um jeito diferente de falar comparado a uma arquiteta que mora na região nordeste do país. Ou seja, todos os fatores, citados, influenciam na identidade linguística dos falantes e através deles podemos até compreender em quais esferas sociais eles estão inseridos.

2.1 O fenômeno da monotongação: origem e contextualização

A língua portuguesa, idioma oficial de países como Brasil, Portugal, Moçambique, provém do latim vulgar que foi difundida pelos soldados através das conquistas no auge do Império Romano. O latim, assim como o português e outras línguas, possuía variantes, sendo elas o latim vulgar e o latim clássico. A variante clássica era falada pelos nobres e escritores da época e a variante vulgar era falada pela classe baixa de Roma, na qual os soldados e comerciantes estavam incluídos.

No período da colonização brasileira, o português de Portugal entrou em contato com as línguas africanas e com o tupi, e mesmo com todas as influências desses outros idiomas, alguns fenômenos presentes na fonética e fonologia brasileira são explicados de acordo com a língua latina, como é o caso da monotongação.

Segundo Câmara Jr. (1970, *apud* ARAGÃO, 2014, p. 5), “a monotongação é uma mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples”. Santos, Almeida e Rodrigues (2015) informam:

a monotongação é um fenômeno de origem latina, que além de se repercutir-se em outras línguas, inclusive no português, em oposição à norma padrão, tendo sua manifestação na fala. Ex.: (effectu > efeito, braciū > braço, auricula > ouricla > orelha” (SANTOS, ALMEIDA, RODRIGUES, 2015, p. 10).

Segundo as autoras, diferente da ditongação, a monotongação se origina no latim e aparece em outras línguas a exemplo do galego-português, como podemos visualizar nas palavras negritadas no texto *Os Lusíadas* de Luiz de Camões:

Mas neste passo a ninfa, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
 Cantando em **baxa** voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido,
 Ó belisário (disse) que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido,
 Se em ti viste o bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te.
 Aqui tens companheiros assi nos feitos
 Como no galardão injusto e duro;
 Em ti e nele veremos altos peitos.
A baxo estado vir humilde escuro.

(Camões, 2000, *apud* SANTOS, ALMEIDA, RODRIGUES, 2015, p. 11, grifo do autor)

No trecho acima, observamos o apagamento da semivogal nos termos “abaxando”, “baxa” e “abaxo” o que constitui o fenômeno da monotongação. Sendo assim, pontuamos que esse fenômeno do latim vulgar perdurou no galego-português e está presente até hoje no português da atualidade. A monotongação no português acontece de duas formas: a monotongação dos ditongos decrescentes e dos ditongos crescentes. Atualmente, segundo Santos, Almeida e Rodrigues (2015, p. 13) a língua portuguesa possui 36 ditongos, sendo 15 decrescentes e 21 crescentes. Os ditongos decrescentes são: orais - [ay, ey, oy, uy, aw, ew, iw]; nasais - [ãy, ãy, ãy, õy, õy]. Já os ditongos

crescentes são: orais – [ya, ye, yi, yo, yu, wa, we, wi, wo, wu]; nasais - [yã, yẽ, õy, wã, wẽ, wĩ, wõ].

De antemão, podemos pensar que o fenômeno da monotongação só aparece no dialeto nordestino. Porém, a partir de um estudo realizado por Aragão (2019), notamos que a monotongação está presente em todas as regiões do Brasil, e podemos afirmar que não se trata de erro linguístico, mas sim um resquício do latim presente na nossa língua, como demonstrado acima.

Na próxima seção, apresentamos alguns aspectos gerais sobre o gênero textual bem como características pertinentes sobre o gênero meme, no qual o fenômeno da monotongação é flagrado.

3 OS GÊNEROS TEXTUAIS

O termo gênero textual vem sendo difundido desde Platão e Aristóteles com a literatura e a retórica, mas a partir de Bakhtin (1997), observamos o conceito de gênero conectado ao de interação verbal. De acordo com Marcuschi (2003, p.19), “os gêneros são eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”. Isto é, os gêneros são inovados constantemente de acordo com a nossa necessidade de comunicação e com o ápice das tecnologias observamos constantemente a criação e atualização deles.

Os gêneros podem ser orais ou escritos. Para tais modalidades, Bakhtin (1997) determina como primários, os gêneros orais como conversa, entrevista, entre outros, e secundários, os escritos, como manual de instruções, romance, entre outros. Com a ascensão das tecnologias, surgiram os gêneros digitais que são os que circulam no ciberespaço, a exemplo do *e-mail*, *Whatsapp*, meme, entre outros.

Todo gênero possui composição, conteúdo e estilo. De acordo com Koch e Elias (2015), a partir do que foi proposto por Bakhtin, a composição se refere aos elementos que fazem parte do gênero, o conteúdo se refere ao tema e o que está sendo dito, já o estilo está relacionado ao modo como o discurso está sendo expresso.

Ademais, os gêneros textuais podem circular por meio das redes sociais, revistas, jornais, entre outros, e tais plataformas são chamadas de suportes textuais. O suporte de um gênero é “um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado com um texto” (MARCHUSCHI, 2008, p. 174). Marcuschi (op. cit.) apresenta dois tipos de suporte: o convencional e o incidental. Os suportes convencionais são aqueles que foram criados exclusivamente para os textos, a exemplo do livro didático, já os incidentais, não foram criados com tal função e como exemplo deles temos os muros das casas, as embalagens, os *outdoors* etc.

Além dos conceitos citados acima, outro conceito importante para o estudo dos gêneros textuais é o de domínio discursivo. Segundo Marcuschi, o domínio discursivo

constitui muito mais de uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). [...] Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder. (MARCHUSCHI, 2008, p. 155)

Logo, é através desse conceito que sabemos qual gênero usaremos nos determinados locais. Quando vamos à missa, o padre usa gêneros como sermão, ladainha, e outros que fazem parte do domínio religioso para comunicar-se com os fiéis, e ele só deve

estabelecer a comunicação com esses, por meio dos gêneros que fazem parte do referido domínio.

Seja por meio das redes sociais, ou não, temos contato com gêneros que podem apresentar recursos verbais (palavras) e não verbais (imagens, sons, vídeos, entre outros) em sua composição. Dessa forma, podemos definir esses textos como multimodais. Para Santos (2011, p. 80), “os textos multimodais são conjuntos de múltiplas formas de representação ou códigos semióticos que realizam um sistema através dos meios próprios independentes.”. Ou seja, tais elementos podem colaborar na compreensão da mensagem do autor do gênero.

3.1 O gênero meme: definição e uso

Os memes que temos contato por meio das redes sociais são amplamente difundidos no ciberespaço, mas não surgiram nele. O livro “O Gene Egoísta” do autor britânico Richard Dawkins, publicado no ano de 1997, retrata o conceito de meme conectado ao estudo dos genes e o define como qualquer unidade cultural que pode ser copiada.

Em nossa cultura digital, sabemos que o meme pode ser criado a partir de qualquer texto (verbal ou não verbal) que circule nas redes sociais. Os memes são compartilhados rapidamente entre os usuários e também podem ser alterados para que haja produção de sentido nas diversas esferas sociais. Para Martino, os memes

são compartilhados em redes sociais digitais, [...] pelo mesmo motivo que pessoas contam piadas ou histórias que ouviram: para fazer parte do grupo [...] Assim, entender um meme significa estar entre as pessoas que conseguem decifrar mensagens nem sempre claras para quem não conhece o contexto. (MARTINO, 2014, p. 179)

Na maioria das situações, os memes podem cair em desuso com o passar dos dias devido ao caráter emergencial dos gêneros digitais e também à cultura do século XXI, na qual tudo é instantâneo, volátil.

Considerando que cada meme possui uma linguagem própria, selecionamos para o nosso estudo, os memes da *fanpage* “Bode Gaiato” pelo fato de retratarem uma linguagem nordestina, humorística, abordando temas do cotidiano das pessoas que fazem com que elas se identifiquem com o que é exposto na vida de *Junin*, *Zéfa* e *Ciço*.

Criada por Breno Melo em 3 de janeiro de 2013, a página do “Bode Gaiato” conta com mais de 8 milhões de seguidores no *Facebook*. O jovem pernambucano Breno ressaltou, em uma entrevista dada ao *Jornal do Commercio*, que cria os memes a partir do que ocorre em nosso país e também absorve sugestões enviadas pelos seguidores. Vejamos, a seguir o exemplo de um meme:

Figura 1:



Disponível em <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678/3264203666976203>>
Acesso em 22 de maio de 2020

O “Bode Gaiato” acima, humoriza através do diálogo estabelecido por “Junin” e sua mãe “Zéfa”, que em meio à quarentena de Coronavírus vivenciada no Brasil em 2020, não é permitido que ninguém saia de casa. Através desse meme, notamos uma intertextualidade com a música que ficou famosa nas vozes de Zezé di Camargo e Luciano na fala de “Junin” “No dia que eu saí de casa, minha mãe me disse...” no primeiro quadro, e no segundo, observamos que “Zéfa” chama a atenção do filho para que ele retorne para casa, sempre usando gírias comuns no nordeste – “Passa pra dentro e fica em casa, peste!”.

Na seção abaixo, apresentamos a metodologia utilizada para a realização da nossa pesquisa.

4 METODOLOGIA

A abordagem metodológica deste trabalho é de cunho qualitativo e de caráter descritivo/interpretativo no qual analisamos e descrevemos quatro memes do Bode Gaiato, retirados de suas páginas oficiais na internet.

Segundo Severino, “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de registros anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2016, p. 131) Dessa forma, realizamos pesquisas em livros que abordam os gêneros textuais, sociolinguística e também pesquisamos em artigos sobre os estudos fonéticos e fonológicos próprios do fenômeno da monotongação.

Desse modo, além da pesquisa bibliográfica, também temos a qualitativa. Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa visa entender os fenômenos a partir de um contexto. Em nosso estudo, utilizamos as redes sociais como instrumento, com o objetivo de compreender os fenômenos da monotongação presentes no gênero textual meme. Ainda segundo a autora, “a análise de redes sociais é um instrumento poderoso para explicar características socioculturais e sociolinguísticas de um grupo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 124).

Todos os memes foram extraídos da página oficial do *Bode Gaiato* no *Facebook*. Além dessa página no *Facebook*, o *Bode Gaiato* também possui uma página no *Instagram* e no *Twitter*, nas quais compartilham alguns memes e interagem com os seguidores por meio dos recursos que tais redes sociais oferecem.

Na próxima seção, apresentamos as análises e descrições dos quatro gêneros memes, revelando a presença do fenômeno da monotongação.

5 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS MEMES

A partir da leitura do capítulo sobre os gêneros textuais, e em específico o gênero meme, sabemos que para compreender um gênero é necessário que olhemos tanto para seu conteúdo verbal, quanto para o seu conteúdo não verbal. No caso dos memes em análise neste trabalho, observamos uma linguagem informal, humorística e também repleta de críticas.

Neste tópico destinado a análise dos memes, separamos duas seções: uma destinada a análise da monotongação nos substantivos e outra para a análise desse fenômeno nos verbos.

5.1 A monotongação nos substantivos

Figura 2:



Disponível em:

<<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678/3566872596709307/>>

Acesso em: 28 de julho de 2020

Na figura 2, remetendo aos colecionadores de cartas ou de outros objetos, o personagem questiona se alguém coleciona dinheiro, para que ele troque uma nota de dois reais repetida em uma de cinquenta reais ou de cem. Observamos no gênero o fenômeno da monotongação presente no substantivo dinheiro, que no meme está escrito “dinhêro”, isto é, ocorrendo o apagamento da semivogal i, ou seja, notamos que houve o apagamento de um ditongo decrescente. Os ditongos decrescentes ai, ei, ou, ui, apagam, para Nunes (2017, p. 77), “devido ao maior esforço com que um dos seus elementos é proferido, ele tem tendência a reduzir-se a simples vogais, ainda mesmo quando tônicos [...]”. Segundo ele, essas mudanças aconteciam corriqueiramente na língua popular e estão presentes até os dias atuais na oralidade dos falantes. Já outras mudaram gramaticalmente, à exemplo de abuitre > abutre, chuiva > chuva.

Nessa direção, sabemos que o preconceito linguístico é algo que ocorre em nossa atualidade. Alguns falantes, por não conhecerem a história do nosso idioma, têm a gramática normativa como referência para a sua oralidade e começam a ignorar todas as variedades linguísticas existentes em nosso extenso Brasil. Como vimos em Lemle (1978, *apud* Santana, Oliveira, Reis, 2015), a heterogeneidade linguística dentro de um país como o Brasil, é algo natural e inevitável, pois é resultado da ampla diversificação dos grupos sociais, revelando como é importante conhecer a língua para evitar a discriminação linguística.

Figura 3:



Disponível em: <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678/3076120715784500>>
Acesso em: 28 de julho de 2020

Na figura 3, temos a presença da personagem *Zéfa* relatando que quem aproveita o calor para ir à praia é rico, porque ela aproveita mesmo é para lavar roupas. Nesse meme, o fenômeno da monotongação está presente no substantivo roupa, que está realizado como “rôpa”, havendo o apagamento da semivogal u.

Ademais, por meio dos estudos sobre a história da nossa língua, sabemos que o português é uma língua derivada do latim vulgar. Dessa forma, segundo Coutinho (1976, *apud* FREITAS, 2017, p. 40), a monotongação do ditongo decrescente “ou” ocorre desde o Império, por influência dos próprios dialetos da plebe. É interessante destacar que o humor do meme é acionado com a monotongação do substantivo “roupa”, fenômeno, como vimos, resquício histórico já flagrado em Camões.

Perdurando até a nossa atualidade, a monotongação aparece tanto na oralidade de falantes do sexo masculino quanto do sexo feminino. Porém, para Hora e Ribeiro (2006, *apud* FREITAS, 2017, p. 40), em um estudo realizado na capital da Paraíba, os “falantes do sexo feminino tendem a utilizar mais a variante padrão, ou de prestígio social, do que aqueles do sexo masculino”. Esse estudo revela que todos os falantes de João Pessoa realizam o fenômeno da monotongação. Entretanto, os falantes femininos tendem a usar a variante padrão com mais frequência do que os falantes masculinos que optam pela monotongação

5.2 A monotongação nos verbos

No meme da figura 4, abaixo, observamos a monotongação agora presente no verbo apresentou (verbo apresentar, 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito) que está escrito no meme “apresentô”, havendo assim o apagamento da semivogal “u”, vejamos:

Figura 4:



Disponível em: <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678/3558145930915307>>
Acesso em: 28 de julho de 2020

Em nossa análise, notamos que o fenômeno da monotongação está presente tanto na oralidade dos falantes quanto também pode ser flagrado na escrita. Na escrita ainda pesa mais o preconceito desse fenômeno que se caracteriza bastante oral. Porém, segundo Santana, Oliveira e Reis (2015, p. 67), a escrita monotongada não constitui um “erro”, mas a representação de tal fenômeno linguístico decorrente da oralidade.

Logo, no caso da presença do fenômeno nas figuras apresentadas neste trabalho, sabemos que o gênero meme retrata uma linguagem informal, constituindo assim, gírias e essencialmente fenômenos que fazem parte da nossa oralidade e da nossa região nordestina.

Portanto, torna-se necessário compreendermos que mesmo os memes do “Bode Gaiato” abordarem o fenômeno da monotongação em seus textos, tal fenômeno não pertence exclusivamente aos falantes nordestinos. Segundo um estudo feito por Aragão (2014, p. 2100), “a hipótese monotongação regional ou estadual está totalmente descartada uma vez que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país”.

Vejam, na figura 5, outro meme com a monotongação presente também na classe verbal

Figura 5:



Disponível em: <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678/3424360930960475>>
 Acesso em: 28 de julho de 2020

Por fim, na figura 5, Zéfa vai a uma cigana para saber seu futuro e se ela vai ser rica. A cigana observa as cartas e logo em seguida vemos que todas as cartas selecionadas possuem a letra “K”. Na cultura digital, sabemos que a letra k repetida várias vezes representam risadas, isto é, a resposta que as cartas deram para Zéfa foi uma risada irônica. Nesse meme, notamos a presença da monotongação no verbo vou (verbo ir, 1ª pessoa do singular no presente do indicativo), que está escrito “vô”, ocorrendo o apagamento da semivogal “u”.

Em relação ao preconceito linguístico sabemos que muitas vezes ele é mais intenso quando se trata de falantes que não possuem um alto grau de escolaridade e também falantes que são analfabetos, como parece ser o caso dos personagens do meme do Bode Gaiato. Entretanto, a partir de um estudo realizado por Freitas (2017), com relação ao fenômeno da monotongação na fala Uberabense, notamos que todos os falantes, sejam eles de ensino fundamental completo/incompleto ou superior completo/incompleto, apresentam em sua fala tal fenômeno.

Em suma, a partir da análise dos quatro memes acima e dos estudos bibliográficos feitos relativos ao fenômeno, constatamos que a monotongação aparece na oralidade da maioria dos falantes brasileiros, independentemente de serem da região nordestina; independentemente de serem do sexo feminino ou masculino; e independentemente de terem concluído ou não o ensino superior. Isto é, a monotongação é um fenômeno ainda muito produtivo na língua portuguesa que sobrevive ao longo do tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo parte da comunicação nas redes sociais, o meme é um gênero textual multimodal que abarca várias identidades culturais, possuindo humor/críticas em seus textos. Os memes do “Bode Gaiato” foram escolhidos pelo fato de eles retratarem uma linguagem nordestina humorística em uso real, abordando temas do cotidiano das pessoas.

A pesquisa, dessa forma, justifica-se pela inquietação em se observar a língua em uso e refletir sobre o preconceito linguístico na realização do fenômeno da monotongação em pessoas que moram na região nordestina brasileira.

Acreditamos que os objetivos foram alcançados, uma vez que nosso objetivo geral foi analisar o fenômeno da monotongação presente nos memes do “Bode Gaiato”. Constatamos que a monotongação não pode ser confundida como um traço linguístico exclusivo da variação nordestina, uma vez que é um fenômeno derivado do latim clássico, que esteve presente no galego português, e até hoje temos resquício desse latim na língua da maioria dos falantes brasileiros das várias regiões do Brasil.

Já os objetivos específicos também foram alcançados uma vez que: a) refletimos sobre o preconceito linguístico; e b) descrevemos o fenômeno da monotongação.

Observamos, ainda, que a monotongação é um fenômeno muito produtivo na nossa língua, ocorrendo tanto nas classes dos substantivos quanto nos verbos. Ou seja, o fenômeno ocorre onde houver ditongos.

É importante destacar também que esclarecemos que o fenômeno não pode ser tratado com preconceito linguístico ou vir a ser estigmatizado como erro gramatical, quando, de fato, conhecermos a origem e história da nossa língua.

Dessa forma, esperamos que este trabalho possa ajudar os futuros licenciandos em Letras e os atuais professores de Língua Portuguesa, para ampliar a discussão a respeito desse fenômeno fonético-fonológico na sala de aula, com o intuito de levar conhecimento sobre a nossa língua, na atualidade e, também da nossa língua mãe, o latim, para combater o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Projeto ALIB: DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO NAS CAPITAIS BRASILEIRAS. IN: **ALFAL**. João Pessoa: 2014. Disponível em <<https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0395-1.pdf>> Acesso em 20 de dezembro de 2019

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Talita. 'Quero que o Bode saia da internet', diz Breno Melo, criador do Bode Gaiato. **Jornal do Comercio**. Recife, 04 de abr. de 2017. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2017/04/04/quero-que-o-bode-saia-da-internet-diz-breno-melo-criador-do-bode-gaiato-277039.php>>. Acesso em: 01 de abr. de 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAS, Bruna Faria Campos de. **Estudo da monotongação dos ditongos orais**

decrecentes na fala Uberabense. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara). 2017, 76 f.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção.** São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, A. M. P. BEZERRA, M. A. MACHADO, A. R. (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes.** Petrópolis: Vozes, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. IN: BRAGA, M. L. MOLLICA, M. C. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEAGUDO, Henrique. Variação e Norma Linguística: Subsídios para uma (re)visão. IN: BAGNO, Marcos. **Políticas das normas e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

NUNES, Márcio Amieiro. GOMES, Nataniel dos Santos. **A MONOTONGAÇÃO NOS DITONGOS DECRESCENTES COM O APAGAMENTO DAS SEMIVOGAIS.** Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

SANTANA, José Humberto dos S. OLIVEIRA, Islan Bispo de. REIS, Mariléia da Silva. **Monotongação e ensino: quando a variação linguística chega à escrita.** Entrepalavras, Fortaleza - ano 5, v.5, n.2, p. 65-85, jul/dez 2015.

SANTOS, Claudinei Marques dos. ALMEIDA, Miguel Eugênio. RODRIGUES, Marlon Leal. **Monotongação e Ditongação no Português: um estudo diacrônico.** IN: VII Sinefil. Mato Grosso do Sul: 2015. Disponível em <[http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/Monotongação e ditongação no português – CLAUDINEI.pdf](http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/Monotongação_e_ditongação_no_português_-_CLAUDINEI.pdf)> Acesso em 16 de dezembro de 2019.

SANTOS, Ezequiel Patrício dos. Gêneros Multimodais: Ferramentas de Multiletramento no ensino. IN: MARTINS, Iara Ferreira de Melo (org.). **Estudos Linguísticos: Práticas Sociais e Culturais.** João Pessoa: Editora Fotograf, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, André Luiz de Souza da. **Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a construção de sentidos no gênero "Meme".** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.